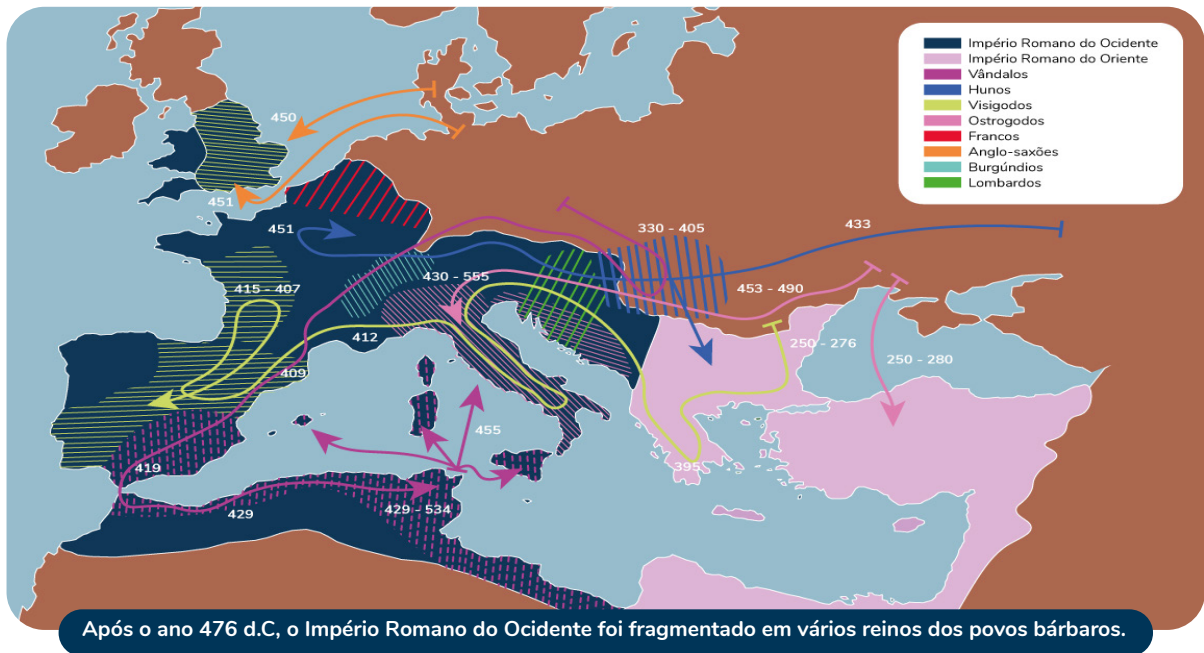




OS REINOS BÁRBAROS



Primeiramente, devemos entender que o período medieval (476-1453) costuma ser dividido em duas partes: **Alta Idade Média** e **Baixa Idade Média**. Vemos abaixo um esquema para facilitar o aprendizado:

- ▶ **Alta Idade Média:** 476 - 1000
- ▶ **Baixa Idade Média:** 1001 - 1453

Dito isso, é preciso desfazermos um equívoco. A denominação “bárbaro” não tinha a ver com o nível de violência ou falta de cultura desses povos. Na realidade, “bárbaro” era a maneira como os antigos gregos, e posteriormente os romanos, chamavam aqueles que não falavam sua língua e nem partilhavam da sua cultura.

Assim fora dos limites do Império Romano, tanto no Ocidente quanto no Oriente, viviam vários povos que tinham um modo específico de organização social e uma cultura que eram diferentes dos romanos. Eles não estavam organizados em uma grande confederação, mas muitas vezes lutavam entre si. Abaixo segue uma lista com o nome dos povos bárbaros:



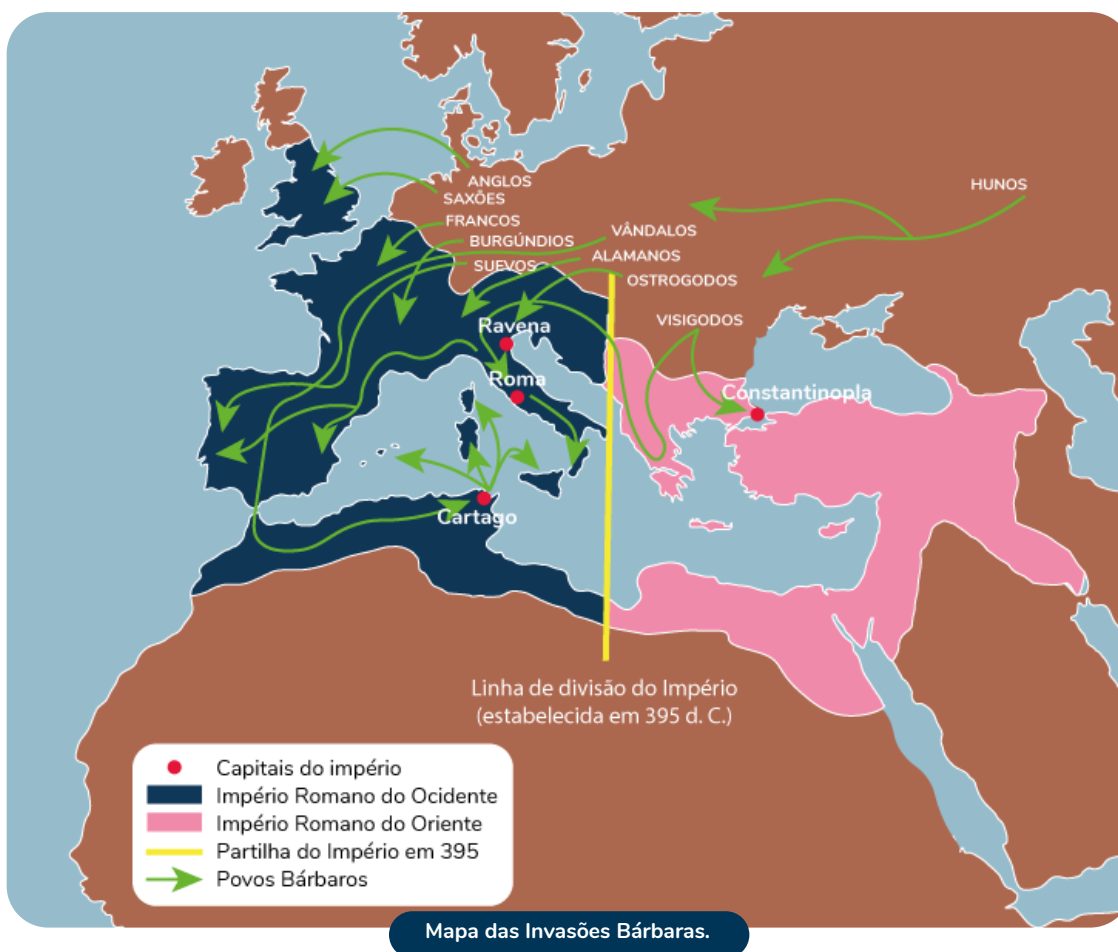
Os Reinos Bárbaros

- ▶ Ostrogodos;
- ▶ Visigodos;
- ▶ Hunos;
- ▶ Vândalos;
- ▶ Anglos;
- ▶ Saxões;
- ▶ Alamanos;
- ▶ Burgúndios;
- ▶ Francos.

Eles estavam em diferentes pontos das fronteiras do Império, e posteriormente muitos desses povos bárbaros foram romanizados e incorporados ao mundo romano. Por outro lado, eles não estavam numa posição estática, principalmente após as **incursões dos hunos**, que eram uma união de povos bárbaros da Ásia Central que tinham um modo de vida nômade e muito ligado ao cavalo.

As invasões dos Hunos na Europa Oriental acabaram forçando as tribos bárbaras da Europa para dentro das fronteiras do Império Romano. Além das invasões dos hunos, os historiadores apontam outros motivos como **alterações climáticas** e **aumento populacional**.

O mapa abaixo fornece uma visualização do movimento que ficou conhecido como **as invasões bárbaras**. Mas alguns historiadores preferem trabalhar com o conceito de **migrações bárbaras**, pois nem sempre o conflito esteve presente entre os romanos e os povos bárbaros.

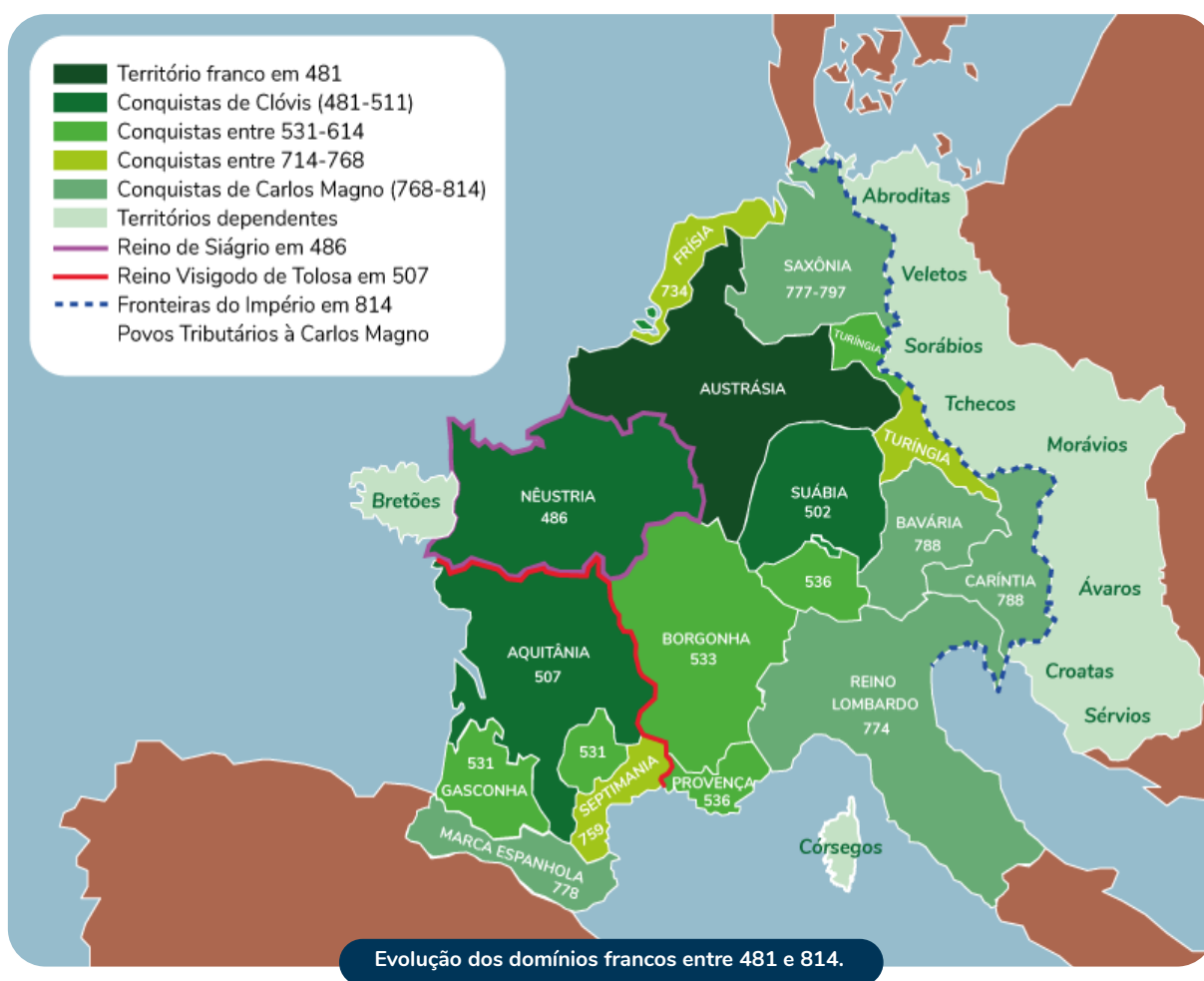




REINO DOS FRANCOS

Foram muitos os Reinos Bárbaros que surgiram após a queda do Império Romano do Ocidente, como os **visigodos, ostrogodos, anglo-saxões, burgúndios, suevos e vândalos**. Mas definitivamente, o **Reino Franco** foi aquele que mais se destacou dentre todos.

Um dos motivos para esse destaque foi a conversão do fundador da dinastia franca, **Clóvis I**, ao cristianismo. A partir desse evento, os francos tornaram-se o braço armado da Igreja Católica na Europa Ocidental. Esta foi uma aliança que persistiu durante boa parte do período medieval, chegando até a época moderna. O Reino Franco é o ancestral direto do Reino francês, fundado séculos depois. E a identidade tradicional francesa, para além da Revolução Francesa, permanece invariavelmente ligada à sua relação medieval com a Igreja Católica.



Dinastia Merovíngia (481-751)

Os Merovíngios, aos quais pertencia o **Rei Clóvis I**, foram a primeira dinastia franca. O nome deriva de **Meroveu**, personagem do qual se possui pouca comprovação histórica, que teria sido o avô de Clóvis. Após a sua morte no ano 511, seu reino foi dividido entre seus 4 filhos. Entre divisões e reunificações, os reinos francos no século VIII consistiam em três territórios governados por descendentes de Clóvis: **Austrásia, Nêustria e Borgonha**.



O Batismo de Clóvis, aproximadamente de 1.500. Obra atribuída a Mestre de Saint Giles, Galeria Nacional de Arte, Washington, D. C.

A propósito, foi no século **VIII**, que surgiu uma das maiores ameaças ao **Reino Franco** - os **muçulmanos**. Desde o século anterior, os muçulmanos estavam em processo de expansão desde a Arábia.

Após a conquista da **Síria, Pérsia e Egito**, os muçulmanos, tanto **árabes quanto berberes**, expandiram-se no Norte africano até culminar com a conquista da **Península Ibérica** em 711. Dissolvido o Reino Visigodo, os muçulmanos estavam prontos para conquistar o Reino Franco a partir do norte da Península Ibérica, mas foram detidos pelas tropas de **Carlos Martel na Batalha de Poitiers**, que ocorreu em 732 d.C.



Quadro da Batalha de Poitiers, de Charles de Steuben, 1837
Museu de História da França, Versailles, França.

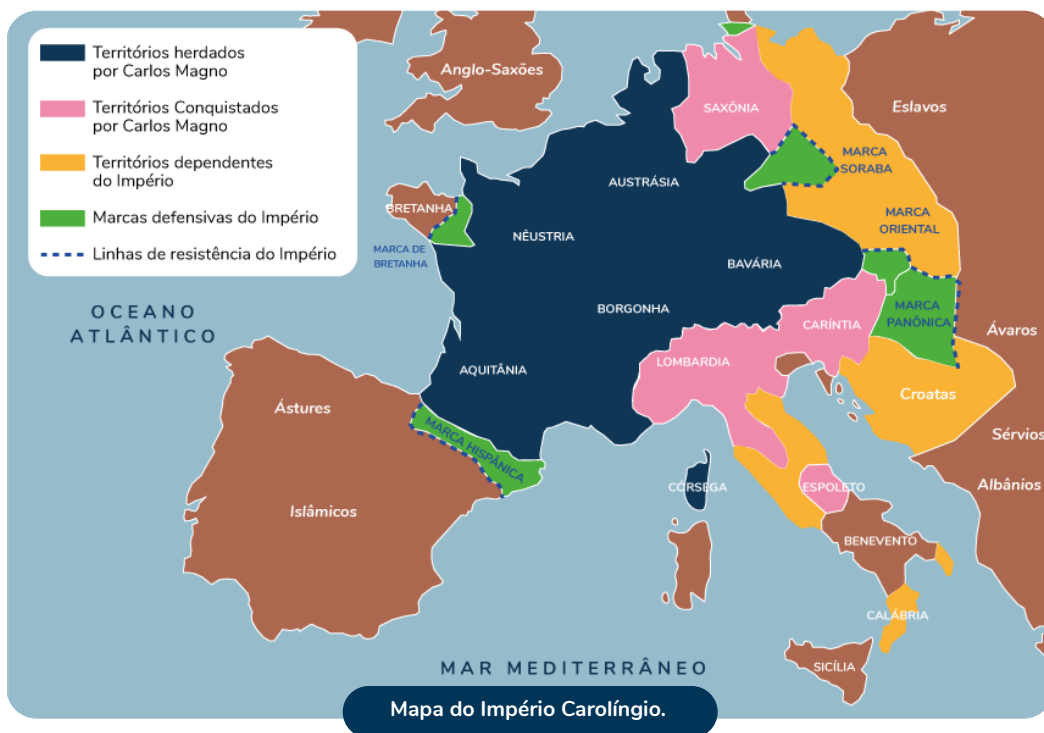
Evidentemente, estes eventos alimentaram ainda mais a fama dos francos como **campeões do cristianismo**, no sentido de que eram os defensores da Igreja na Europa. O fato é que a vitória em Poitiers deteve o avanço do Islam sobre a Europa na Alta Idade Média.

Dinastia Carolíngia (751-897)

O filho mais novo de Carlos Martel, que era conhecido como **Pepino, o Breve**, foi **coroado pelo Papa** da época, Zacarias, como **Rei dos Francos**, o que na prática significava que a Igreja reconhecia a sua soberania sobre todos os reinos francos existentes na época. Os historiadores consideram que esse foi o início da dinastia Carolíngia.

A aliança entre Pepino e o Papado não parou por aí. Logo após sua unção e coroação, o novo Papa, **Estevão II**, pediu ajuda de Pepino para dar combate aos Lombardos, que ameaçavam avançar sobre Roma. Após derrotá-los, **Pepino doou partes das terras lombardas à Igreja Católica**, que já possuía terras na região fruto da doação de fiéis e monarcas.

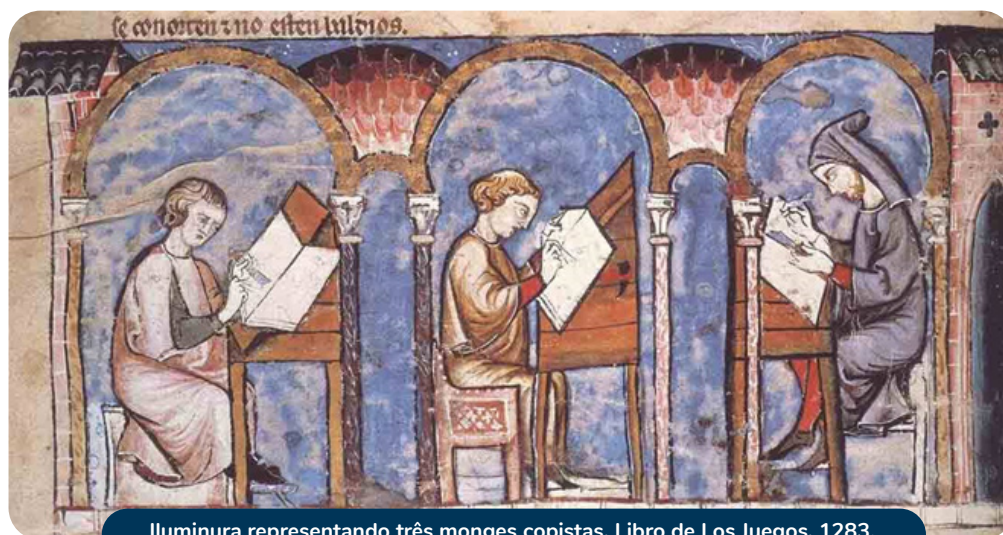
Mas a glória da dinastia Carolíngia viria através do filho de Pepino, que se chamava Carlos. Carlos que ficou conhecido na História como **Carlos Magno** (literalmente, Carlos, o Grande), foi coroadado Rei dos Lombardos em 768, e anos depois no ano 800, **ele foi coroadado Imperador do Ocidente** pelas mãos do Papa Leão III.



Esse evento teve grande valor simbólico, pois desde o fim do Império Romano do Ocidente, ninguém havia sido reconhecido como Imperador na Europa Ocidental, com exceção do Imperador Bizantino Justiniano I que tentou reunificar o Império.

O período de reinado de Carlos Magno foi chamado de **renascença carolíngia** devido ao desenvolvimento ocorrido na época. Esse desenvolvimento se deu tanto no campo cultural com o **incentivo à educação e à cópia de manuscritos grecorromanos nos mosteiros**, quanto no campo econômico, com a **revitalização do comércio marítimo e o desenvolvimento das zonas rurais**.

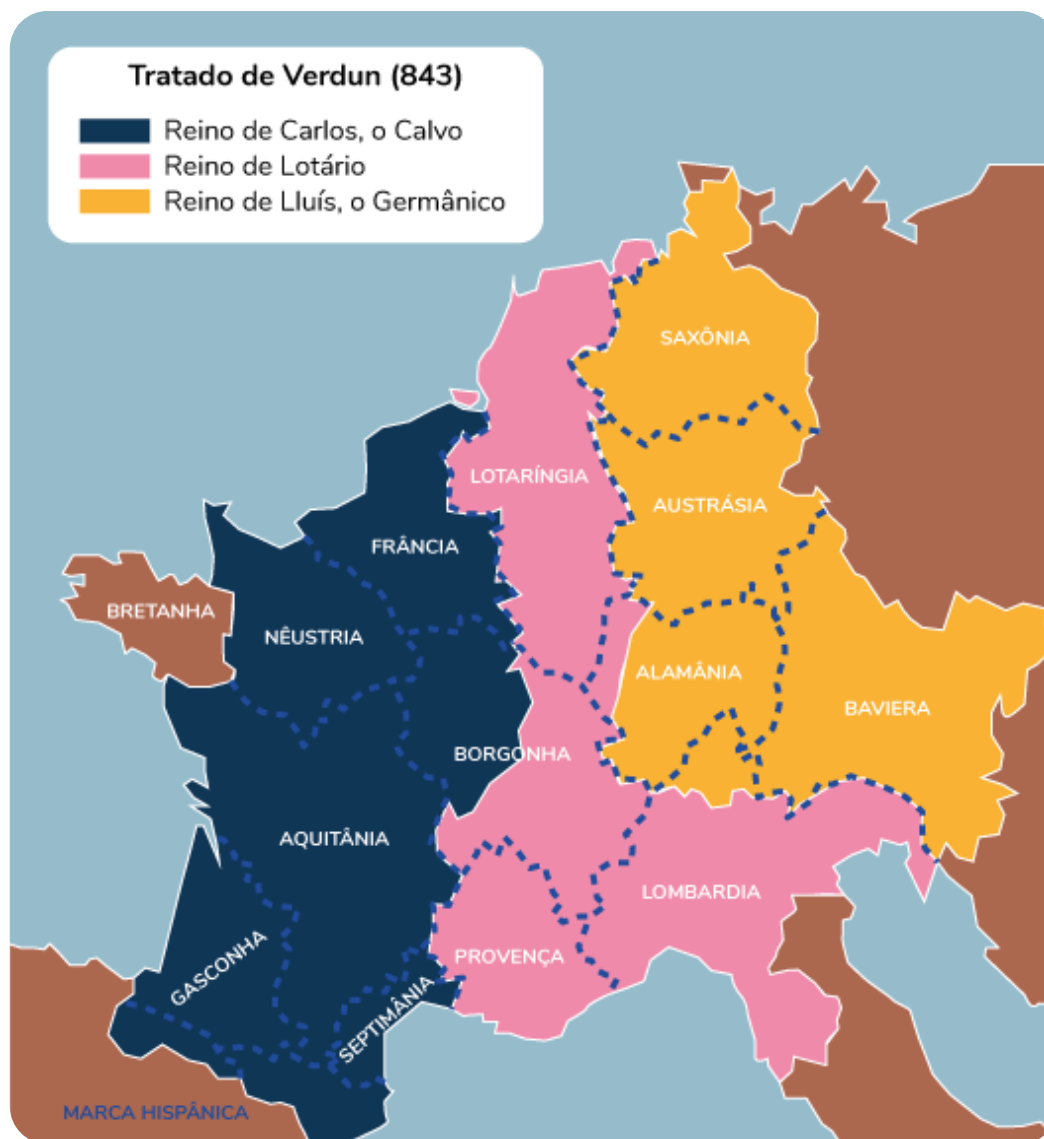
Por outro lado, Carlos Magno também foi um aguerrido **defensor do Cristianismo**, tendo convertido à força vários povos saxões nas fronteiras a leste do Império que ainda eram pagãos. Os que se recusavam eram mortos. De fato, podemos dizer que Carlos Magno expandiu o Cristianismo “na ponta da espada”.



Iluminura representando três monges copistas, Livro de Los Juegos, 1283.



Após a morte de Carlos Magno em 814, seu filho **Luís, o Piedoso**, assumiu o Império e governou até o seu próprio falecimento em 840. Depois disso, o Império Carolíngio foi dividido entre seus três filhos através do **Tratado de Verdun** em 843: Carlos, o Calvo; Lotário e Luís, o Germânico.



Foi o **fim do chamado Império Romano-Germânico** (os francos eram uma tribo germânica), pois os filhos de Luís, o Piedoso, não reivindicaram o título. As terras de Carlos, chamadas também de **Frância Ocidental**, foram a base do reino medieval francês. Já a parte que coube a Luís formou a Frância Oriental, que foi a base do que veio a se tornar mais tarde a Alemanha.

Um século mais tarde, em **962 a.C.**, o **Império foi restaurado através de Oto I, conhecido também como Otão**. Oto era filho de Henrique I da Germânia, rei da Frância Oriental e de origem saxã. Novamente, um soberano germânico que havia partido em defesa dos Estados da Igreja era coroado Imperador como retribuição. Mas daquela vez, o Estado resultante, o **Sacro Império Romano-Germânico** sobreviveria muitos séculos, chegando até 1806.